



LINGUÍSTICA: A CIÊNCIA DA LÍNGUA¹ E ALGUMAS REVISITAÇÕES TEÓRICAS

Elisângela Leal da Silva Amaral²
PPGL-UNEMAT – Cáceres - MT³

Para explicar o mundo, a ciência busca organizar suas teorias a partir dos questionamentos que vão surgindo. A busca pelas respostas tem levado o homem à busca pelo sentido. Este tem sido definido de diversas formas, em diversos campos teóricos. Nessa direção, se organizam as ciências, na tentativa de encontrar respostas para questões que vão sendo postas na diacronia da história do homem.

Os filósofos gregos, muito contribuíram e têm contribuído para o desenvolvimento das diversas ciências. No caso do estudo da linguagem não tem sido diferente. A partir da linguística, cientificizada por Saussure, surgem várias subáreas desta ciência, que tem como objeto a língua.

Fato também mencionado já na Grécia Antiga: “O conhecimento, também, é uno, porém são separadas as partes relacionadas com determinados objetos e recebem denominações específicas. Daí haver tanta variedade de artes e de conhecimentos.” (Platão, 2003, p. 44).

O chamado pai da linguística toma o objeto dessa ciência, a língua, como um sistema:

Por *Langue*, “língua”, Saussure designava o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que determinam o emprego dos sons, das formas e relações sintáticas, necessárias para a produção dos significados. (LOPES, 1995, p. 76 -77).

¹ Este termo elaborado pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (UEMS/NEAD) surge de uma observação sobre a importância de se apropriar do fato de Linguística configurar-se enquanto ciência; é também o título de uma especialização destinada aos professores do Estado idealizada e posta em prática neste ano (2016) pelo referido professor/pesquisador e seu grupo.

² Ma. em Letras pela UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul / Docente nas Graduações em Letras licenciaturas e Bacharelado – UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Campo Grande/ Vice líder NEAD – Núcleo de Estudos em Análise de Discurso

³ Trabalho apresentado à Profa. Dra. Edileusa Gimenes Moralis - Disciplina Semântica e Argumetação /PPGL – Programa de Pós Graduação em Linguística – Cáceres - MT



Tal sistema coletivo, é partilhado pelos seus usuários como um acordo previamente estabelecido em dada comunidade de falantes. “[...] a sociedade nos impõe a sua língua como um código do qual nos devemos servir obrigatoriamente se desejamos que as mensagens que emitimos sejam compreendidas.” (Lopes, 1995, p. 77).

O Pai da Linguística, destacando o signo como um elemento central, o concebe como a combinação do significante com o significado: “O vínculo que une o significante ao significado é arbitrário.” (Saussure, 1972, p. 99). Desenvolvendo a teoria, organiza as relações entre os signos sob dois eixos: o paradigmático e o sintagmático.

Para estabelecer o funcionamento desta perspectiva, pauta-se na relação entre os signos. Para Saussure, os sistemas que compõem a língua se organizam por oposição – e é nesse sentido que estabelece a *teoria do valor*, postulando que é na relação de oposição com o outro que o signo se define, ou seja, um signo é aquele porque não é o outro. Saussure inaugura assim, na linguística moderna o uso do termo “Teoria do Valor”:

Essa noção reponta, no entanto, pela primeira vez no âmbito da Linguística contemporânea com o fundador da moderna teoria, F. de Saussure, com o nome de valor [...] Eles são sempre constituídos:

- 1º por uma coisa dissemelhante susceptível de ser trocada pela coisa cujo valor resta determinar;
- 2º por coisas similares que podem comparar com a coisa cujo valor está em causa.” (LOPES, 1995, p. 40).

Entretanto, essa concepção é uma revisitação de Saussure à *Teoria da Alteridade*, de Platão. Ao tratar os 4 elementos categorizados por si mesmo, Platão acrescenta o quinto: *o outro*. Estabelecendo que cada conceito só pode ser configurado, na medida em que se difere do outro conceito, numa relação de negação, porém, pautada na diferença e não na antonímia. Apesar de longa, a citação do trecho de *O Sofista* é imprescindível para que se amplie o conhecimento sobre conceitos caros para o entendimento das relações que Saussure busca estabelecer.



XLI — O Hóspede — Então, recapitulemos tudo isso a respeito das cinco, isoladamente consideradas.

TEETETO — Como será?

ESTRANGEIRO — Começemos pelo movimento, que é de todo em todo diferente do repouso. Ou como diremos?

TEETETO — Isso mesmo.

ESTRANGEIRO — Logo, não é repouso

TEETETO — De jeito nenhum.

ESTRANGEIRO — No entanto, é o que terá de ser, por participar da existência.

TEETETO — Sem dúvida.

ESTRANGEIRO — Por outro lado, o movimento é diferente do mesmo.

TEETETO — Pode ser.

ESTRANGEIRO — Não sendo, por conseguinte, o mesmo.

TEETETO — Não.

Estrangeiro — Porém já vimos que ele era o mesmo consigo mesmo, porque tudo participa do mesmo.

TEETETO — Certíssimo.

ESTRANGEIRO — Logo, o movimento é o mesmo e não é o mesmo: eis o que seremos obrigados a admitir, sem nos amofinarmos muito com esse fato. Quando dizemos que ele é o mesmo, pretendemos significar que nele próprio ele participa do mesmo; e ao declarar que não é o mesmo, queremos dizer, pelo contrário, que assim é por causa de sua comunhão com o outro, a qual o leva a separar-se do mesmo, deixando-o não como o mesmo, mas como outro; de onde vem que, mais uma vez e a rigor ele não poderá ser denominado o mesmo.

TEETETO — PERFEITAMENTE.

ESTRANGEIRO — Onde fica certo que se o movimento participa, de algum modo, do repouso, não será absolutamente descabido denominá-lo estável.

TEETETO — Sim, estará certo, se admitirmos que alguns gêneros consentem em misturar-se, e outros não.

ESTRANGEIRO — Pois foi essa mesma prova que já apresentamos, antes de chegarmos até aqui e demonstrarmos que, por natureza, terá de ser desse jeito.

TEETETO — Sem dúvida.

ESTRANGEIRO — Recapitulemos: o movimento é outro que não o outro, como é também outro que não o mesmo e o repouso?

TEETETO — Forçosamente.

ESTRANGEIRO — Logo, de algum modo, não será outro, como também o será, de acordo com o presente raciocínio.

teeteto — É muito certo.



ESTRANGEIRO — E depois? Diremos que ele é diferente dos três primeiros, porém não diferente do quarto, se concordarmos que são cinco os gêneros que nos dispusemos a examinar?

TEETETO — De que jeito? Não podemos admitir um número menor do que o encontrado antes.

ESTRANGEIRO — Sem medo algum, portanto, e com a máxima energia afirmemos que o movimento é outro que não o ser.

TEETETO — Sim, sem medo nenhum.

ESTRANGEIRO — A esse modo, com toda a segurança, não é ser o movimento, como também é ser, visto participar da existência.

TEETETO — Certíssimo.

ESTRANGEIRO — De onde fica também certo, necessariamente, que o não-ser está no movimento e em todos os gêneros, pois a natureza do outro, entrando em tudo o mais, deixa todos diferentes do ser, isto é, como não-ser, de forma que, sob esse aspecto, poderemos, com todo o direito, denominá-los não existentes, e o inverso: afirmar que são e existem, visto participarem da existência.

TEETETO — É possível.

ESTRANGEIRO — Em cada idéia, pois, há muitos seres e uma multidão incontável de não-seres.

TEETETO — Parece.

ESTRANGEIRO — Logo, teremos de dizer que o ser em si mesmo é diferente dos outros.

TEETETO — Forçosamente.

ESTRANGEIRO — Então, concluiremos que quantas vezes os outros são, outras tantas o ser não é, pois não sendo eles, será um em si mesmo, enquanto os outros, de número infinito, não serão.

TEETETO — Terá de ser mais ou menos assim.

Estrangeiro — Esse ponto, por conseguinte, já não nos causará aborrecimento. Quem não aceitar semelhante conclusão, cuide primeiro de refutar o argumento anterior, para depois atacar o que lhe vem no rastro.

TEETETO — Nada mais justo.

ESTRANGEIRO — Consideremos também o seguinte.

TEETETO — Que será?

ESTRANGEIRO — Sempre que nos referimos ao não-ser, não temos em vista, como parece, o oposto do ser, porém algo diferente.

TEETETO — De que jeito?

ESTRANGEIRO — Quando falamos de algo não grande, achas que nos referimos mais ao pequeno do que ao igual?

TEETETO — Como assim?



ESTRANGEIRO — Não podemos concordar que com o emprego da negação indicamos o contrário da coisa enunciada, mas apenas que o Não colocado antes dos nomes que se seguem indica algo diferente das coisas cujos nomes vêm enunciados depois da negação.

TEETETO — Perfeitamente. XLIIXLII —

ESTRANGEIRO — Consideremos agora mais este ponto, se estiveres de acordo.

TEETETO — Qual será?

ESTRANGEIRO — A natureza do outro se me afigura tão partida em pequeninos como seu próprio, conhecimento.

TEETETO — De que maneira?

ESTRANGEIRO — O conhecimento, também, é uno, porém são separadas as partes relacionadas com determinados objetos e recebem denominações específicas. Daí haver tanta variedade de artes e de conhecimentos.

TEETETO — Perfeitamente.

ESTRANGEIRO — O mesmo se passa com a natureza do outro, conquanto seja apenas uma. (PLATÃO. 2003, p. 41 -44).

Ao compararmos a explanação feita por Lopes em relação à metáfora do jogo de Xadrez, utilizada por Saussure, é possível perceber a similaridade entre as duas teorias. Na verdade, seria mais apropriado dizer que Saussure parece ter encontrado no estudo dos gêneros de Platão a teoria que ampara o funcionamento linguístico, sobretudo no que se refere ao quinto gênero: o não-ser, ou, o outro.

Transposto o raciocínio para o âmbito linguístico, um elemento qualquer da língua, um fonema, por exemplo, ou um morfema, deve definir-se do ponto de vista de suas relações para com outros elementos do mesmo sistema e pela sua função no interior desse sistema (primeira noção de *forma*), e nunca à base de suas propriedades físicas (modo de formação, estrutura acústica, etc. ; primeira noção de *substância*). Eis porque a língua constitui, no parecer de Saussure, uma forma e não uma substância: a língua não é um sistema de conteúdos (não existe um “nível” semântico, mas *um sistema de formas e de regras* (valores). O *conteúdo de um termo* só é fixado, por isso, *através da totalidade* de que esse termo é parte, e a *sua definição positiva* deriva de uma definição relacional (ou definição negativa); o valor de um termo consiste nisso: *um elemento é (definição positiva) tudo aquilo que os demais elementos do seu sistema não são (definição negativa)*. (LOPES. 1995, p. 79 – 80. Grifos do autor).



Outra observação que aponta para a relação entre as duas teorias está no trato da *forma e substância*. Para Platão, a substância se relaciona à essência da coisa, ao passo que o contato que se tem com ela se dá pela multiplicidade de formas por que essa coisa passa. Assim para, o filósofo, a ideia que se tem da coisa está acima do que a forma sensível pode ser, porque a essência se relaciona à ideia, sendo, então, real.

Cabe ressaltar que, se por um lado, “Nenhuma mensagem tem sentido em si mesma.” (Lopes. 1995, p. 90 - *grifo do autor*), equivale a dizer que “[...] me parece, que entre os seres alguns são considerados em si mesmos e outros sempre em suas relações recíprocas.” (Platão. 2003, p.41). Do mesmo modo que “[...] não pode haver outro a não ser em relação com outra coisa. ” (Platão. 2003, p.41); “Então, precisamos admitir a natureza do outro como a quinta idéia ao lado das que já aceitamos.” (idem). Sendo assim é que, na Teoria do Valor, a identidade – parte do *ser* – do signo está estabelecida no ponto em que ele é o mesmo em si, mas somente em relação a si, constituindo-se em qualquer que se apresente como ponto de diferença em um *não-ser*. O que Platão (2003, p.11) explica como “A questão da relação. “Idéia essa, é o que diremos, que penetra em todas as outras, pois cada uma em separado é diferente das demais, não por sua própria natureza mas por participar da idéia do outro.”

Quanto à negação, Platão (2003, p. 43) reitera “Não podemos concordar que com o emprego da negação indicamos o contrário da coisa enunciada, mas apenas que o Não colocado antes dos nomes que se seguem indica algo diferente das coisas cujos nomes vêm enunciados depois da negação.”

Nesse sentido dizer que um elemento é outro só é possível na medida em que ele não é o mesmo, embora o seja em si mesmo. Há parte dele que não o é, ou seja, que o difere. É desse modo que Platão (2003, p. 43) afirma “Em cada idéia, pois, há muitos seres e uma multidão incontável de não-seres.”. Dito de outro modo, afastando a ideia de contrário, de antônimo, mas de oposição dada na relação da ideia consigo mesma, em um dado deslocamento.

No processo de desenvolvimento da linguística enquanto conhecimento, as rupturas vão configurando novas áreas constituídas em redor de novos objetos. Dentre



elas a Semântica, que por sua vez, também passa por rupturas, inaugurando novas científicidades.

Na década de 1970, Osvald Ducrot revisita as teorias de Saussure, que o instigavam desde a primeira leitura, na juventude, apropriando-se de aspectos como, a língua – desprezando a fala, passando, então, a observar as relações entre entidades lexicais, entre enunciados, entre discursos, entre locutor e alocutário. O autor denomina tal teoria de Semântica da Argumentação. A Semântica Argumentativa se ocupa do estudo do sentido construído pelo linguístico, ignorando o extralinguístico.

Nesse sentido, pode-se pensar a teoria de Ducrot relacionada à de Saussure, que por sua vez se relaciona com os estudos da Teoria da Alteridade, de Platão.

Sobre essa questão, o capítulo de Barbisan na obra Semântica Semânticas indaga: “Mas que relação entre a noção de valor, proposta por Saussure para explicar a linguagem, e a filosofia clássica Ducrot pode ter encontrado?” Na verdade, ao que as semelhanças entre o que postula Saussure na linguística e Platão em O Sofista, o que Ducrot pode ter encontrado nada mais é de que o fato: Saussure utiliza, na configuração da Teoria do Valor, o que Platão postula no estudo dos cinco gêneros estudados por ele: movimento, repouso, ser, o mesmo e o não-ser.

Outra questão a se discutir seria que Saussure estuda a língua e aquilo que ele considera sistema constituinte da língua. A relação de alteridade para ele se restringirá nas relações paradigmáticas e sintagmáticas, não tendo por objeto ir além disso.

Já Ducrot, segundo Barbisan, (2013, p. 20), “leva a noção de valor linguístico para o emprego da língua mostrando-o em diferentes níveis: na relação entre entidades lexicais, entre enunciados, entre discursos, entre locutor e alocutário.”.

Considerações finais

Pode-se dizer que a ciência se desenvolve em uma relação de aparente oposição ao homem. Aparente porque é paradoxal. Isto está no fato de que ela, não morrendo, constrói-se do homem que é mortal. Entretanto, a ciência é uma revisitação: seja para se apropriar ou negar teorias anteriores, é no processo de revisitação que se encontram as bases para que se construam novas teorias e assim se delimitem novos campos teóricos.



Isso é o que se dá também entre Ducrot, Saussure e Platão. Três teóricos, três áreas diferenciadas, três campos teóricos diversos entre si, mas estabelecidos sobre revisitações.

Nesse ponto, surgiria um questionamento dos mais ortodoxos: seria possível relacionar filosofia e ciência? Não há neste trabalho o menor intuito de responder a isso, de avaliar essa questão. No entanto, mais difícil que responder, seria buscar a linha divisória.

Há que se retomar que, grandes nomes respondem por seus respectivos campos teóricos organizados em teorias que os identificam e os opõem entre si, porém, é a mente cientista que dá prosseguimento ao desenvolvimento da ciência em uma relação de rupturas e/para continuidades. E nesse ponto, não se define se este fechamento seria científico ou filosófico (na dúvida entre seguir optando por uma linha que privilegiasse Platão, Saussure ou Ducrot, foi melhor evitar a escolha entre usar *todavia* ou *logo*. Considerou-se mais adequado que separá-los, uni-los): Linguístico.

Referências Bibliográficas

BARBISAM, L. B. **O que é Semântica Argumentativa?** In FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. (Orgs) Semântica, semânticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 14. Ed. São Paulo: Cultrix. 1995.

PLATÃO - **O Sofista** Tradução: Carlos Alberto Nunes Créditos da digitalização: Juscelino D. Rodrigues. UFB 1980. Versão para eBook eBooksBrasil.org Fonte Digital Site “O Dialético”. Disponível em < www.odialetico.hpg.ig.com.br/> © 2003 — Platão

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2000.